

# A PRODUÇÃO DE FRANCISCO GOMES DE AMORIM SOBRE EMIGRAÇÃO EM PERIÓDICOS E CARTAS DO SÉCULO XIX

Veronica Prudente COSTA \*

- **RESUMO:** Francisco Gomes de Amorim (1827-1891), escritor português que emigrou para Amazônia em 1837, viveu diversas experiências que, posteriormente, foram relatadas em sua produção literária e nas diversas contribuições em periódicos que realizou, bem como nas trocas de correspondência com seus contemporâneos. Conforme compilação realizada por Costa Carvalho (2000), e em arquivos disponíveis em seu espólio em Póvoa de Varzim, podemos afirmar que Gomes de Amorim tinha uma ampla visão sobre os temas que privilegiava. Dentro da perspectiva possível para o século XIX, o autor trouxe à tona discussões em ebulição naquele tempo, a exemplo das desigualdades sociais vivenciadas por ele na Amazônia e a experiência de emigração portuguesa para o Brasil.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Francisco Gomes de Amorim. Periódicos. Amazônia. Emigração. Cartas.

*Dos afetos, dos diálogos e da resiliência: vir à ABRAPLIP é sempre voltar à casa! Eu, uma carioca emigrada para a Amazônia, volto para rever meus ancestrais acadêmicos, volto para aprender sempre mais e para partilhar saberes e afetos...*

## Introdução

Faz-se necessário iniciar este trabalho agradecendo à CAPES, pela bolsa de estágio pós-doutoral, realizado na Universidade Federal Fluminense/UFF, de abril de 2022 a março de 2023, através do edital PROCAD/Amazônia, que possibilitou a ida para pesquisa em Portugal. Nesta viagem, foi possível ter acesso ao espólio de Francisco Gomes de Amorim, na Biblioteca Municipal Rocha Peixoto, em Póvoa de Varzim. Esses materiais ainda estão sob análise, e esse trabalho apresenta

---

\* UFRR – Universidade Federal de Roraima. Centro de Comunicação, Letras e Artes. Boa Vista – RR – Brasil. prudente.veronica@gmail.com

resultados parciais da pesquisa.<sup>1</sup> Esta pesquisa também está vinculada ao projeto “Minorias sociais e trânsitos identitários, literários e culturais entre Amazônia, África e Portugal”, atualmente financiada pelo Edital Universal 2023 do CNPq.

A temática dos deslocamentos e migrações sempre nos chamou à atenção. Ainda no Mestrado, focalizamos na temática da migração sob a ótica dos retornados. Depois de migrar para uma das “Amazônias” (sim, porque são muitas)<sup>2</sup>, descobrimos o épico “Muhuraida” (1785), do militar português Henrique João Wilkens, que trata do processo de “pacificação”<sup>3</sup> do povo Mura, e que, posteriormente, nos levou ao interesse pelos viajantes<sup>4</sup> na Amazônia; observando as dinâmicas e registros de escritores portugueses que migraram para este espaço durante o período colonial e pós-colonial, a exemplo de Francisco Gomes de Amorim e Ferreira de Castro.

Em 2011, assistindo a uma fala de um grande geógrafo brasileiro, Professor José Aldemir de Oliveira, em que refletia sobre os povos da Amazônia, ele defendia que a ideia do “vazio demográfico” não se sustentava e já tinha causado muitos prejuízos aos povos originários, aos povos que migraram para lá e à natureza. Ele apontava que os conflitos são de diversas ordens até a atualidade – conflitos de terra, garimpo ilegal, exploração de madeira e de outras várias riquezas; uma longa história de exploração do trabalho humano e de promessas enriquecimento fácil que levaram muitas pessoas a migrarem para a região. Ele concluiu dizendo: “Na Amazônia ninguém migra de contente”. Essa frase nos faz pensar nas dinâmicas sociais e nos interesses que movem as pessoas em torno desse espaço ambicionado e ainda pouco conhecido por grande parte do Brasil e do mundo. Em um artigo chamado “A invenção geográfica da Amazônia”, José Aldemir de Oliveira afirma:

Na Amazônia, é preciso compreender que as espacialidades pretéritas e presentes resultam das duras condições de vida, mas também da resistência, da força inquebrantável para a construção de uma nova vida que não é necessariamente melhor ou pior, mas é uma outra vida. Estas ações que se concretizam e se objetivam no espaço social (aqui contraposto ao espaço abstrato) quase sempre são desconsideradas, pois estão eivadas de coisas simples, transmutadas numa sensação de extrema obviedade pela frequência do estar sempre por aí e porque quase sempre a nossa preocupação é com as carências e com as perdas. Para superar essa visão, que de certo modo predomina nas análises sobre a Amazônia,

---

<sup>1</sup> Pesquisa vinculada ao projeto “Minorias sociais e trânsitos identitários, literários e culturais entre Amazônia, África e Portugal”, atualmente financiada pelo Edital Universal 2023 do CNPq.

<sup>2</sup> Optamos por utilizar “Amazônias” no plural para dar ênfase à multiplicidade de biomas, de povos, de línguas e suas culturas.

<sup>3</sup> Ver a Tese de Doutorado *Muraida: A tradição literária de viagens em questão*. Rio de Janeiro, 2013.

<sup>4</sup> O projeto “Presença Portuguesa na Amazônia” foi financiado pelo Edital Universal 2014 do CNPq.

deve-se analisar além das macroestruturas, as coisas simples e a vivência do dia a dia (Oliveira, 2014, p.195-196).

A partir desse olhar bastante humanizado em relação à resiliência daqueles que migram, e da força de adaptação ao novo espaço, homens e mulheres se recriam em cada uma das “Amazônias”. Em cada local uma biodiversidade própria, em cada período histórico conflitos diversos e geolocalizados, e, sobretudo, povos diferentes entre si. Conforme disse Francisco Gomes de Amorim, no prefácio da obra *Cantos Matutinos* (1858), a Amazônia: “É um imenso lugar de muitas gentes” e “gente de todas as cores”. Vivendo em contato com essa multiplicidade de sujeitos, o autor se forjou como um grande escritor, crítico das desigualdades de seu tempo e algumas de suas obras nos fazem compreender a Amazônia paraense do século XIX.

### **O tema da emigração a partir de sua própria experiência na Amazônia**

Refletindo sobre a temática da emigração, Francisco Gomes de Amorim<sup>5</sup> (1827-1891), narra no prefácio da primeira edição de *Cantos matutinos* (1858), a sua chegada em Belém, em 1837, e o que presenciou no Porto de Belém, e de como foi recrutado por um comerciante para ser caixeiro em seu estabelecimento.

Depois de uma viagem a que não faltaram a fome, a sede, as calmas e as tormentas, chegamos a esta formosa terra de Santa Maria de Belém do Pará, que tinha de ser a testemunha dos meus altos feitos e de me deixar um dia eterna saudade. Apenas desembarcamos, formaram-nos em turmas no caes da Alfândega, para que os negociantes da cidade viessem escolher dentre nós, aquele que mais lhe agradasse. Eu estava ali, sem saber para que, no meio de uma multidão de gente de todas as cores, que se ria de mim e dos meus compatriotas, ao mesmo tempo em que vários homens brancos, e vestidos quase todos também de branco, giravam em torno de nós. Os meus companheiros, iam desaparecendo, mas a mim ninguém me queria [...] (Amorim, 1866, p. 21-22).

Neste relato sobre a sua chegada, observamos que a partir da trajetória entre Portugal e Belém, a viagem não foi o que era esperado. Em sua chegada, logo percebeu que aquele mercado de jovens brancos recém-chegados se assemelhava, em certa medida, com as vendas de pessoas negras. Anos depois, com a compreensão mais aguçada sobre os acontecimentos, o autor trouxe reflexões sobre

---

<sup>5</sup> Francisco Gomes de Amorim, muito reconhecido como o biógrafo de Almeida Garrett, nasceu em 13 de agosto de 1827, em Aver-O-Mar, antiga vila de pescadores ao Norte de Póvoa do Varzim, na região do Minho, em Portugal, e faleceu em Lisboa em 4 de novembro de 1891. Chegou ao Brasil em 18 de setembro de 1837, aos 10 anos de idade, em companhia de seu irmão mais velho Manoel Gomes de Amorim, que mais tarde se tornaria um importante livreiro em Belém. (Costa, 2023, p.393).

como os aliciadores mudaram as estratégias para captação de mão de obra após as leis proibitivas do tráfico de negros no Brasil. É lógico que, o que Gomes de Amorim e outros escritores de sua época chamavam de “escravidão branca”, não se equiparava aos horrores da escravidão negra, mas, em alguma medida, cerceava as liberdades e mostrava serem falaciosas as promessas de riquezas fáceis feitas aos jovens portugueses. Conforme Gomes de Amorim:

Os negreiros correram pois para o continente do reino, e ilha dos Açores, e, dentro em pouco, os mercados do Brasil abundavam novamente em carne humana, com grande vantagem para os consumidores, que podiam comprar escravos brancos mais baratos do que os pretos.

Os engajadores inundavam, como agora, as provincias do norte do reino, agarrando gente por todos os meios possíveis, e não sei mesmo se porque alguns impossíveis, porque eram elles homens para grandes dificuldades. Investiam com as próprias autoridades! e, se não posso avançar que seduzissem alguma, indo-a vender aos mercados brasileiros, como fizeram a um pobre rei africano, que foi meu remador, afirmo que os filhos dos regedores de aldeia, e ainda os dos administradores dos concelhos, eram os que de preferência cubiçava a caprichosa exploração dos agentes. A razão d’esta distincção era, talvez, como intuito de escarnecer d’um poder, que não queria, ou não podia coarctar este criminoso trafico. O certo é que ninguem escapava à sua influencia, e que por fim tambem eu fui victima d’elles, ainda que indirectamente, e por minha vontade (Amorim, 1866, p. 15-16)<sup>6</sup>.

Conforme podemos observar, os aliciadores, ou engajadores, não poupavam nem reis africanos e nem jovens brancos portugueses que se iludiam com as promessas de riquezas em terras brasileiras. Após cumprir um tempo de serviço como caixeiro, Amorim decidiu se lançar em aventuras quando subiu o rio Xingu em busca da riqueza da extração da borracha, e assim conheceu muitas vilas no interior do Pará e conviveu com povos indígenas e pessoas negras escravizadas. Ainda, a respeito da emigração de jovens portugueses para o Brasil no século XIX, destacamos a informação que consta no Diário do Grão Pará, de junho de 1857:

## EXTERIOR

Lisboa, 08 de abril

Escravidura Branca

Na imprensa, na Tribuna, e na Cadeira Evangelica levantou-se brado unísono contra a escravatura branca. Vamos também ocupar-nos hoje d’este facto,

---

<sup>6</sup> Optamos por utilizar a grafia original da segunda edição de *Cantos Matutinos* (1866).

que não pode deixar de ser do maior alcance social, visto que tanto n'elle se interessam os principaes órgãos da opinião publica.

A universalidade do gemido atesta a intensidade da dôr que a todos dilacera os corações; calam-se os interesses individuaes, abalam-se as aspirações politicas dos bandos, que mutuamente se guerreiam, é porque um sentimento nobre e grandioso a todos preocupa é porque uma grande calamidade contrista a sociedade portugueza. Milhares de mancebos abandonam por uma espécie de frenesi as risonhas praias lusitanas e vão lançar-se aos montões nas inhospitas costas d'America. O sentimento de família, o instinto que nos prende à terra que nos viu nascer, a voz da pátria que tanto reclama os nossos serviços, o innato amor da conservação, nada obsta ao progresso d'esta mania da emigração: d'este andaço, ou espécie de cholera que invadira especialmente as províncias do norte do reino. Diariamente largam dos nossos portos navios carregados de imberbes aventureiros em demanda do velocinio nos sertões do Brasil. Os conselhos paternaes, a vigilância das authoridades, as declarações da imprensa e finalmente as pregações evangélicas, nada d'isto tem podido conjurar o terrível flagello da tendência emigradora. As plagas de Santa Cruz continuam a ser o cemitério de tantos irmãos nossos!!! (...) Enquanto porem não apparecer uma lei que regule esta matéria, usaremos do mesmo direito, que authorisa a discussão ampla que tem havido acerca de tão transcendente assumpto. (...) Entre nós, porém, todas essas providencias tem sido illudidas; os armadores levam sempre maior numero do que comporta a tonelagem dos seus navios; illude-se por todos os meios a vigilância das authoridades; e a experiência tem mostrado a impossibilidade de pôr termo a tão infame trafico. Os navios saem dos portos do reino com os seus papeis em forma, o numero dos passageiros é proporcionado à arqueação dos navios, etc; mas depois que saem as barras; voltam de noite às mesmas, e ali pairam até que acabam de receber a bordo o resto dos passageiros contratados d'antemão e que furtivamente lhes são levados em canoas, lanchas, ou outros barcos costeiros, que se escapam à fiscalização da alfandega. Os poucos exemplos das grandes fortunas adquiridas em poucos annos fazem maior impressão no povo, do que as narrações das muitas desgraças, e misérias a que se acham expostos nove dízimos dos mancebos que deixam a pátria. (...) Nas nossas aldeias do norte andam sempre angariados, pagos e assalariados pelos armadores dos portos marítimos, em demanda de mancebos para o Brazil. A eloquência d'estes Conéis pode mais do que a dos padres, porque se apoia nos exemplos de um ou outro brasileiro, que se acha estabelecido nas províncias, e cuja fortuna adquiriu em poucos annos. Brasileiro e rico homem são synonymos, muito familiares ao nosso povo das províncias do norte; a imaginação dos mancebos escalda-se com estes exemplos vivos; e não há força que possam conjurar a sua inabalável dicisão de seguirem o mesmo caminho; os riscos da viagem,

e todos os azares da fortuna, em nada se podem comparar com o brilho que despregam os recém-chegados do Brasil, hontem pobres, filhos de jornaleiros, aprendizes de alfaiate, e hoje senhores de muitos contos e deslumbrando tudo com o seu aparato de ricos homens. [...] A alta aristocracia das cortes curvava-se igualmente na presença d'estes Monte Christos improvisados; assiste aos seos jantares, e abrilhanta os seus saraos. As honras e distincções sociaes tem sido quasi um apanagio exclusivo dos brasileiros, porque ellas já não são o que antigamente eram; n'outro tempo ganhavam-se, hoje compram-se; e como ninguém pode figurar no ramo de commercio senão os homens de dinheiro, desde que elles se tornaram objectos de trocas, é da rasão que os parentes tenham a melhor parte. É certo que por um filho querido da fortuna, que ahí ostenta um luxo asiático, ficam, como em refêns, enterrados nos sertões americanos mil de seus companheiros de emigração porem, os que morrem já não entram como factores nos cálculos humanos, e por isso ninguém cuida d'elles; o que se vê, e se admira, é o verdadeiro motor dos cálculos futuros. Nós não admiramos que a tendência emigradora tenha tomado dimensões collossaes, porque o estado da nossa sociedade é um grande incentivo para se desenvolver (Diário do Gram-Pará, n.º 132, 16/06/1857, pp. 1 e 2)<sup>7</sup>.

O fragmento acima registra as vidas perdidas e outras tantas sacrificadas para uma proporção bem menor de imigrantes bem-sucedidos. As promessas de riquezas aliciavam e iludiam jovens pobres portugueses como Francisco Gomes de Amorim e seu irmão Manoel Gomes de Amorim. Inclusive, citamos dados da pesquisa de

Nos arquivos da região norte de Portugal, dedicamos esforços de investigação nos Arquivos Distritais de Viana do Castelo, Braga, Porto e Vila Real. Na grande maioria dos trabalhos que se dedicaram a estudar a (e)imigração portuguesa para o Brasil, tanto pesquisadores portugueses como brasileiros apontavam essa região como a de maior tendência imigratória para o território brasileiro desde o século XVIII. Foi dessa região que localizamos o maior número de solicitações de passaportes com destino ao Pará para os anos do estudo – foram 767, corroborando com as tendências para o Brasil (Guimarães, 2016, p.20)<sup>8</sup>.

Conforme o número de solicitações de passaportes apresentado acima, podemos observar que o fluxo de viajantes era intenso, e faz-se necessário ressaltar que muitos outros jovens chegavam na clandestinidade, como o próprio Gomes de Amorim registrou sobre a sua viagem.

<sup>7</sup> Excerto extraído da tese de Maria Lucilena Gonzaga Costa Tavares, *Laços luso-paraense na imprensa oitocentista*. Tese de Doutorado. UFPA, 2017, p. 47-48.

<sup>8</sup> Para mais detalhes sobre emissão de passaportes e número de migrantes legalizados de Portugal para Belém, ver a Tese de Doutorado de Luiz Antonio Valente Guimarães. UFPA, 2016.

O período de sua estadia na Amazônia serviu de material para algumas de suas obras literárias e para as contribuições que fazia para os periódicos da época. Destacamos abaixo como exemplo um dos poemas de *Cantos Matutinos*. Nesta obra poética, que foi dedicada a Almeida Garrett, após o seu falecimento, dizendo-se seu “discípulo e amigo inconsolável”, Amorim traz uma sequência de poemas relativos ao período de vivência em terras amazônicas, inclusive situa alguns desses poemas com data e local, como vemos a seguir:

O Desterrado  
(na foz do rio Negro, em 1842)

Como são brancas as flores  
D’este verde laranjal !  
É doce e sua fragrancia  
Como a d’este roseiral;  
Mas têm mais suave aroma  
As rosas de Portugal!

O solo d’estas florestas  
O brilhante e o oiro encerra;  
São immensos estes rios,  
Immensos o valle e a serra;  
Porém não têm a belleza  
Dos campos da minha terra !

Este astros são mais bellos?  
É mais bello o seu fulgor?  
Mas luzem no ceo do exilio;  
Não lhes tenho igual amor  
Ai! astros da minha terra!  
Quem me dera o vosso alvor!

De amores embriagada,  
A rôla suspira aqui!  
Com estes vivos perfumes  
Tudo ama, folga, e ri !  
Mas oh! que tem mais encantos  
A terra aonde eu nasci!

Lá, era a lua mais linda;  
Mais para os olhos as flores;  
As noites da primavera  
São ali mais para amores;  
E nos bosques de salgueiros  
Tambem ha meigos cantores.

Oh ! não; não é bello o sitio  
Do meu desterro infeliz,  
Onde tudo- a toda a hora -  
Que sou proscripto me diz!  
Não; não há terras formosas  
Senão as do meu paiz!  
(Amorim, 1866, p. 37-38).

A partir de seu título, “O desterrado”, observamos a referência ao tempo vivido na Amazônia, como exílio e desterro. Ao mesmo tempo em que há uma exaltação positiva à natureza local, em todas as estrofes se estabelecem comparações com a sua terra natal, cujos atributos do lugar de origem são sempre superiores aos do local do exílio. Essa vivência foi observada pelo autor com olhos muito atentos e, posteriormente, foi relatada em sua produção literária, com extensas notas explicativas – a exemplo das peças teatrais *O Cedro Vermelho* e *Ódio de raça* –, e nas diversas contribuições em periódicos que Gomes de Amorim realizou, bem como nas trocas de correspondências com seus contemporâneos. No verbete sobre o autor, da *Revista Convergência Lusíada*, Carme Perez-Sanjulián, destaca a intensa produção e colaboração de Amorim:

Se repararmos na erudição das suas colaborações para as múltiplas sociedades e academias - foi membro, entre outros, do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil - às quais pertenceu, nas notas que acompanham os seus textos ou, mesmo, nos comentários dos coetâneos). A pouco e pouco, vai ir desenvolvendo uma activíssima vida pública e literária que, a partir de 1851, manterá em paralelo com a sua carreira como funcionário no Ministério de Marinha, até, progressivamente, ir atingindo um considerável prestígio no panorama cultural português do seu tempo, tal como demonstram as distinções e reconhecimentos que recebeu ao longo da sua vida [...] (Pérez-Sanjulián, 2007, p.349-350).

Conforme compilação realizada por Costa Carvalho (2000) em *Aprendiz de selvagem - o Brasil na vida e na obra de Francisco Gomes de Amorim*, e em arquivos disponíveis em seu espólio, podemos afirmar que Gomes de Amorim



tinha uma ampla visão sobre os temas que privilegiava, foi um dos poucos escritores do século XIX interessados na Amazônia. Dentro da perspectiva possível para o século XIX, o autor trouxe à tona discussões em ebulição naquele tempo, a exemplo dos conflitos sobre a escravidão, as desigualdades sociais vivenciadas por ele na Amazônia, e a experiência de emigração portuguesa para o Brasil e para África.

Deste modo, como único escritor português reconhecido, que emigrou no século XIX para a Amazônia, a obra de Gomes de Amorim necessita ser revisitada seja em prosa, poesia, na crítica e nas cartas; para observarmos como em diferentes textos o tema da migração surge como uma questão crucial para o autor. Destacamos a edição organizada por Maria Aparecida Ribeiro e Fernando Matos de Oliveira, que reúne as duas peças teatrais de Amorim (*Ódio de raça* e *O cedro vermelho*), cartas do autor a seus contemporâneos, e nela também estão reunidas notas extensas, com detalhes sobre a experiência de Gomes de Amorim na Amazônia<sup>9</sup>. Ao iniciar sua trajetória como escritor, Gomes de Amorim estabelece um diálogo profícuo essa vivência e transita com maestria entre a História e a Literatura. O próprio autor assume esse diálogo quando afirma que produz sua obra literária, não apenas como “documentos para a posteridade”, mas também como relato do mundo real que lhe serve de referente ao universo ficcional. Deste modo, fez uma ampla contribuição a periódicos, dialogando com as notícias sobre questões migratórias que circulavam entre Brasil e Portugal. A notícia a seguir, do jornal “Treze de maio”, de outubro de 1854, relata sobre a carência de mão de obra na Amazônia:

Art. 1.º He autorizado o Presidente da Provincia a despender annualmente pelo Thesouro Publico Provincial quarenta e oito contos de réis com os meios precizos para promover a emigração de pessoas livres da Europa para esta Provincia, devendo preferir entre outras as que forem nascidas em Portugal, e na Galliza. Art. 2.º O Governo contratará aqui, ou nos portos de Portugal, e Gallisa, por si, ou por intermédio de seus agentes, a vinda dos emigrados sob as seguintes bases: 1.º Passagens, e comedorias gratuitas, e sem retribuição alguma, para todos os que quizerem emigrar. 2.º Cada uma passagem com as competentes comedorias não excederá de quarenta e oito mil réis em moeda do Império, sendo dos portos de Portugal, ou Galliza; d’outros lugares, porém, fica ao arbítrio do Governo estipular o preço. 3.º O pagamento das passagens será realisado nesta capital pelo Thesouro publico Provincial oito dias depois do desembarque dos emigrados. 4.º Na escolha dos emigrados não se attenderá se não a idade, moralidade, e ao estado de saúde, devendo-se por isso procurar somente os moços, os morigerados, e os sadios. Art. 3.º Ao chegarem os

---

<sup>9</sup> A primeira edição com notas é de 1869, publicada 15 anos depois da primeira encenação da peça *Ódio de raça* em 1854.

emigrados a esta Capital o Governo lhes prestará toda a possível hospitalidade por espaço de oito dias, findos os quaes ficará desobrigado da continuação desse favor. Art. 4.º O Governo sollicitará dos agentes consulares Brasileiros, residentes nos lugares da emigração todo o auxilio, e coadjuvação para os emigrados, e expedirá os necessarios regulamentos, e instruções para a execução da presente Lei particularmente para a obtenção do bom tratamento dos emigrados durante a viagem. Art. 5.º Fica em seu inteiro vigor a Resolução nº. 226 de 15 de Dezembro de 1853, e revogadas as disposições em contrário. Mando por tanto a todas as Autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Resolução pertencer, que a cumprão e fação cumprir tão inteiramente como nella se contem. O Secretario desta Província a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Palacio do Governo da Província do Gram-Pará aos treze dias do mez de Outubro de mil oitocentos e cincoenta e quatro, trigésimo terceiro da Independencia e do Imperio. L. S. Sebastião do rego Barros Francisco Carlos Marianno, a fez. Sellada e publicada na Secretaria do Governo a 13 de Outubro de 1854. O Secretario João Silveira de Souza. Registrada a fl – do Livro de Leis e Resoluções Provinciaes. Secretaria de Governo da Provincia do Pará 13 de Outubro de 1854. João José Pereira (Treze de Maio nº. 398, 20/10/1854, pp. 1 e 2).<sup>10</sup>

A partir dessa notícia, observamos que para conseguir mão-de-obra europeia, as promessas eram muito interessantes, principalmente para homens jovens e sadios, que estando sem perspectiva de bons salários em Portugal, facilmente se deixavam levar pela oferta que parecia ser tão interessante. Com isso, ocorria mais uma vez na história de Portugal, o esvaziamento das zonas rurais, provocando a escassez de produções agrícolas; fato que foi denunciado por Gomes de Amorim em carta a seu amigo José António Serrano<sup>11</sup>, em crítica que ele faz à obra *Teoria Geral da Emigração e sua Aplicação a Portugal (1878)*, de José Frederico Laranjo. Neste texto, ele critica a ausência de investimentos em indústrias, tanto em Portugal quanto no Brasil, e deixa claro o seu posicionamento progressista a respeito da posse de terra: “[...] a humanidade abençoaria a emigração, se por meio dela se chegasse – pacificamente - à posse da terra pelos que a cultivam.”<sup>12</sup> (Carvalho, 2000, p. 351). E ainda reclama que os jovens que são enviados ao Brasil são robustos e sadios e tem boa alimentação no campo, mas ao partir para o Brasil “os dizem as enfermidades, o clima, o excesso de trabalho, o péssimo passadio, os maus tratos,

---

<sup>10</sup> Excerto extraído da tese de Maria Lucilena Gonzaga Costa Tavares, *Laços luso-paraense na imprensa oitocentista*. Tese de Doutorado. UFPA, 2017, p. 39-40.

<sup>11</sup> Conforme nota de Costa Carvalho (2000, p. 350), não há registro de data ou jornal onde esse folhetim foi publicado.

<sup>12</sup> Optamos aqui em utilizar as cartas do espólio com grafia atualizada por Costa Carvalho (2000).

a ausência da família e a miséria – como nunca a padeceram igual na pátria [...]” (Carvalho, 2000, p. 353-354).

Voltando a esse assunto anos depois, Gomes de Amorim, em carta enviada ao periódico “Primeiro”, faz referência ao artigo sobre emigração publicado na edição do dia anterior, em 28 de fevereiro de 1889. A carta é de 1 de março de 1889, na qual ele defende o cultivo das terras portuguesas e a permanência dos jovens em Portugal para trabalharem perto de suas famílias.

A gente que podia enriquecer-se aqui, fecundando a terra com o seu trabalho, convertendo as charneças em vergéis e prados, e regenerando, pela agricultura, o corpo enfraquecido da nação, vai levada por fatal desvario, procurar em climas insalubres e mortíferos- tesouros fabulosos ou sonhados. Quando se consultam as estatísticas de emigração, acha-se explicação imediata destes brejos imensos. Em vez de se alargar a área cultivada em tornos das povoações, há sítios de Portugal onde se vai restringindo, pela saída quotidiana de braços! É preciso que os governos estudem esta questão seriamente; que levantem uma cruzada contra a emigração, não por meio de declamações estéreis ou de portarias estéreis ainda; mas fazendo sentir aos povos a conveniência de se consagrarem à agricultura da sua terra, e demonstrando-lhes sem necessidades de exageração, quando mais suave e lucrativo é consagrar as forças ao próprio campo do que ao alheio, longe de todas as afeições que ajudam a suportar o peso da existência, em climas donde raros voltam ricos, e raríssimos com saúde, e onde por cada mil morrem novecentos e noventa, sem adquirir sequer os poucos meios que lhes permitem pagar a passagem para virem morrer na pátria. [...]

Também não é necessário caluniar ninguém, nem nenhum país; basta publicar-se mensalmente em todas as freguesias rurais, um boletim estatístico das entradas e saídas dos portugueses pelos portos do país, com as suas idades e todas as circunstâncias que passam dar-se a respeito de cada um, sem queda das conveniências. Publique-se nesse mesmo documento e estatística da mortalidade dos nossos patrícios em países estrangeiros, com nota dos seus espólios, das idades e das doenças de que morreram; esta estatística, que hoje se faz, pouco menos que inutilmente, na folha oficial, deve ser exigida mensalmente a todos os cônsules, a mais clara, circunstanciada e exacta que possa ser. Ela, por si só, explicada pelos párocos e os professores no fim de cada mês, será uma arma terrível contra o fanatismo da emigração. E. auxiliada com o balancete dos que saem e dos que voltam, tornar-se-á porventura invencível. (Carvalho, 2000, p. 389-390).

Importa observar que o excerto acima foi escrito dois anos antes do seu falecimento, em 1889, com o saber da experiência bem apurado, Gomes de Amorim retoma a crítica que fez anos antes ao texto de José Frederico Laranjo de 1878 e

reitera a sua preocupação com o elevado número de mortes de jovens portugueses em terras brasileiras, em detrimento dos poucos que enriqueciam.

Em diferentes momentos de sua carreira como escritor e colaborador em periódicos, Gomes de Amorim vez ou outra retomava o tema da emigração, sempre a partir de notícias negativas que chegavam a ele, vindas do Brasil. Abaixo trazemos outro exemplo, sobre uma correspondência para o *Diário de Notícias*, na edição de 5 de março de 1856, quando ele dá notícias de quatro portugueses deportados para Portugal, expulsos do Pará pelo cônsul. A expulsão teria se dado como retaliação, porque esses portugueses teriam ido ao consulado reclamar da falta de ação em relação a mortes de cidadãos portugueses. A questão primordial nessa notícia é o que gerou a deportação, que foi a denúncia de quarenta e sete mortes durante uma viagem da cidade do Porto, em Portugal a Belém do Pará no ano anterior.

Eis o negócio – no ano passado saiu do Porto para o Pará a galera portuguesa *Defensor* levando uma grande porção de passageiros. Chegando a seu destino, constou a falta de 47 passageiros, afirmando todos os restantes que aqueles haviam morrido à fome, sede e espancamentos. Todos os jornais da época mencionam esse fato horroroso, e o capitão do dito navio foi preso voltando a Portugal. Mas vamos ao caso do Pará, que é importante. Provada a falta de 47 vítimas, e testemunhada a causa da sua morte pelos que escaparam, os portugueses existentes no Pará foram a casa do seu cônsul em grande número, reclamar a prisão do capitão do navio, e pedindo que logo se remetesse preso para Lisboa, a fim de ser processado e responder por 47 mortes de que era acusado. O cônsul Fernando José da Silva, e o vice-cônsul Serredello parece que procederam indignamente neste negócio. Ao menos todas as cartas vindas do Pará assim o dizem, e não são poucas! Não os acusam só de falta de patriotismo, é mais grave a culpa que lhe atribuem. Os portugueses foram expulsos por eles que reclamaram uma guarda da autoridade do país para defender a entrada do consulado aos seus patrícios. (Costa Carvalho, 2000, p. 403-404).

Como vimos, essa notícia é uma denúncia sobre maus tratos e mortes a caminho do Brasil. Não bastasse as dificuldades enfrentadas na chegada por todos aqueles que migravam, ainda havia os perigos da viagem. Esse fato ocorrido em 1888, em muito se assemelha à viagem do próprio Gomes de Amorim em 1837. Mesmo tantos anos depois, as condições continuavam péssimas, embora as promessas fossem tentadoras. Conforme estimativa do IBGE<sup>13</sup>, baseadas em inúmeros estudos sobre migração, de 1808 a 1900 houve a entrada de aproximadamente 358 mil pessoas no Brasil oriundas de Portugal. Este número reflete a preocupação constante de Gomes de Amorim sobre o tema.

---

<sup>13</sup> <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/portugueses.html>

## **Considerações finais**

Ao refletir sobre a questão da emigração de Portugal para o Brasil, Gomes de Amorim se mostrava consciente das implicações políticas e econômicas que motivavam esse fluxo de deslocamentos, pois observamos a sua preocupação no âmbito da questão familiar e nos impactos que a economia portuguesa sofria com a diminuição de trabalhadores na agricultura ano a ano. Ao mesmo tempo, esse movimento dá conta da importância política da província do Pará, que mesmo após a independência do Brasil em 1822, resistiu a ser anexada ao restante do país. O Pará estabelecia uma relação direta com Lisboa, facilitada inclusive, pela proximidade geográfica com Portugal em relação à capital do Brasil, que era o Rio de Janeiro. Para além da recepção de imigrantes portugueses, o Pará teve grande relevância nas relações comerciais com Portugal e no intenso trânsito de obras literárias e periódicos.

Atento aos problemas sociais de sua época, Gomes de Amorim ficou conhecido como o Poeta Operário e atuou também como repórter de rua, dando grandes contribuições em folhetins com suas obras literárias, como crítico de literatura e revolucionário, como ele mesmo gostava de se intitular. Conforme afirmou Costa Carvalho, esse “homem de duas pátrias”, se tornou um escritor multifacetado de poesia, prosa e teatro, e foi reconhecido por seus contemporâneos como Machado de Assis, Mendes Leal, Camilo Castelo Branco, Gonçalves Dias, Júlio César Machado, entre outros.

COSTA, V.P. Francisco Gomes de Amorim’s production on emigration in periodics And letters from the 19th century. **Itinerários**, Araraquara, n. 58, p. 93-106, jan./jun. 2024.

- **ABSTRACT:** *Francisco Gomes de Amorim (1827-1891), a Portuguese writer who emigrated to Amazonia in 1837, he lived several experiences that were later reported on his literary production and in the various contributions he made to periodicals, as well as in correspondence exchanges with his contemporaries. According to a compilation carried out by Costa Carvalho (2000), and in files available in Póvoa de Varzim, we can affirm that Gomes de Amorim had a broad vision on the themes he favored. According to a possible perspective for the 19th century, the author brought to light discussions that were boiling at that time, such as the social inequalities he experienced in Amazonia and the experience of Portuguese emigration to Brazil.*
- **KEYWORDS:** *Francisco Gomes de Amorim. Periodics. Amazonia. Emigration. Correspondence.*

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Francisco Gomes. **Cantos Matutinos**. Lisboa: Sociedade Tipográfica Franco-Portuguesa. 2ª ed. 1866.

COSTA CARVALHO, José Rodrigo Carneiro da. **FRANCISCO GOMES DE AMORIM: revolucionário e repórter de rua**. Póvoa de Varzim, 2019.

\_\_\_\_\_. **Aprendiz de selvagem- o Brasil na vida e na obra de Francisco Gomes de Amorim**. Porto: Campo das Letras, 2000.

COSTA, Veronica Prudente & OLIVEIRA, Kyssia N. “O percurso na Amazônia de Francisco Gomes de Amorim: um olhar sobre as minorias no século XIX”. In: **Texto, tempo, imagem: interlocuções**. (Org.) Andreia Alves Monteiro de Castro, Eduardo da Cruz, Viviane Vasconcelos. Campina Grande: Realize Editora, 2023.

COSTA, Veronica Prudente. **Muraida: A tradição literária de viagens em questão**. Rio de Janeiro, 2013, Tese de Doutorado.

GUIMARÃES, Luiz Antonio Valente. **De chegadas e partidas: migrações portuguesas (1800-1850)**. Orientador: Prof. Dr. Antonio Otaviano Vieira Junior e coorientador Prof. Dr. João dos Santos Ramalho Cosme. Tese de doutoramento. UFPA:2016.

OLIVEIRA, José Aldemir de. “A invenção geográfica da Amazônia”. In **Revista GeoUECE**, v.3, n.5, Jul/Dez, 2014.

OLIVEIRA, Márcia Maria de. “Ao mestre com carinho”. José Aldemir, em memória. Acesso em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/594780-ao-mestre-com-carinho>

PÉREZ-SANJULIAN, Carme Fernández. Verbete sobre Francisco Gomes de Amorim. In **Revista Convergência Lusíada**, 24, 2007.

RIBEIRO, Maria Aparecida & OLIVEIRA, Fernando Matos (Org). **Teatro. Ódio de raça; O Cedro vermelho de Francisco Gomes de Amorim**. Braga: Angelus Novus, 2000.

RIBEIRO, Maria Aparecida. Gente de todas as cores: imagens do Brasil na obra de Gomes de Amorim. In: **Revista MÁTHESIS**, 1998. Disponível em: [https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/23813/1/mathesis7\\_artigo6](https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/23813/1/mathesis7_artigo6).

TAVARES, Maria Lucilena Gonzaga Costa. **Laços luso-paraense na imprensa oitocentista**. Orientadora: Profa. Dra. Germana Araújo Sales. Tese de Doutorado. UFPA, 2017.

